

# SEMELHANÇAS E APROXIMAÇÕES DA MÍSTICA JUDAICA NA OBRA DE VIKTOR FRANKL \*



Thiago Antonio Avellar de Aquino\*\*, Josilene Silva da Cruz\*\*\*

**Resumo:** *o objetivo do presente artigo foi identificar as influências do judaísmo, sobretudo da mística judaica, na vida e na obra de Viktor Emil Frankl. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura buscando as referências judaicas nas obras de Viktor Frankl. Dentre as aproximações encontradas, destacam-se o 'ídiche kop', que se correlaciona com a perspectiva frankliana de sentido oculto; e a sua concepção de Suprassentido, que se aproxima da mística cabalística no que se refere ao entendimento do ser inacessível. Constatou-se que Frankl utiliza a sua cultura judaica para expressar os conceitos teóricos da logoterapia e aprofundar temas do seu existencialismo.*

**Palavras-chave:** *Judaísmo. Logoterapia. Viktor Frankl.*

O objetivo deste artigo foi identificar as influências do judaísmo, sobretudo da mística judaica, na vida e na obra de Viktor Emil Frankl, uma vez que seus livros apresentam várias referências à cultura judaica, o que possivelmente revela uma influência na construção de sua teoria denominada Logoterapia e Análise Existencial. Embora o seu sistema de psicoterapia se trate de uma teoria científica, pode-se identificar traços judaicos na forma de conceber o Homem e o mundo, conforme o leitor poderá constatar ao longo deste manuscrito.

\* Recebido em: 10.02.2020. Aprovado em: 14.07.2020.

\*\* Doutor e Mestre em Psicologia (UFPB). Professor no Centro de Educação (UFPB). Líder do Laboratório de Pesquisa em Logoterapia e Análise Existencial (CNPq). Membro do Grupo de Trabalho Psicologia e Religião (ANPEPP). *E-mail:* logosvitae@hotmail.com

\*\*\* Doutoranda e Mestra em Ciências das Religiões (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa NOUS – Espiritualidade e Sentido da Vida (UFPB/CNPq) e do do Laboratório de Pesquisa em Logoterapia e Análise Existencial (CNPq). *E-mail:* josileneufpb@gmail.com

A Logoterapia se constituiu como uma terapia dirigida ao espírito humano, ou seja, para a dimensão noológica, onde são originados os fenômenos autenticamente humanos, como a busca por um sentido na vida, a preocupação com valores éticos e estéticos. Seu escopo é ampliar esta dimensão saudável, onde o ser humano é compreendido como livre, consciente e responsável pelo seu vir-a-ser. Essa perspectiva foi influenciada, sobretudo, pela filosofia da existência, por pensadores como Kal Jaspers, Heidegger e a fenomenologia dos valores de Max Scheler, e foi precedida pelas escolas de Sigmund Freud e Alfred Adler.

A leitura dos livros de Frankl pode promover uma ascese espiritual, pois desvela uma sabedoria que transcende o saber científico. Nessa perspectiva, faz-se a seguinte indagação: De onde provém essa sabedoria frankliana? Hipotetizou-se que o seu existencialismo tem como alicerce uma sabedoria da mística judaica. A primeira autora no Brasil a apontar essa relação foi Hertz (2011), que aventou uma aproximação entre a herança judaica na vida e na obra de Viktor Frankl; e, no contexto internacional, Bulka (1979) já apontava a importância da Logoterapia para o pensamento judaico. Nessa esteira, o presente artigo pretendeu tão somente avançar o caminho que já foi aberto pelos autores supracitados. Inicialmente, torna-se necessário fazer alguns apontamentos acerca do judaísmo.

#### APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE O JUDAÍSMO

O judaísmo é conhecido comumente como uma das três maiores religiões mono-teístas, que também são chamadas “religiões do livro” (juntamente com o cristianismo e o islamismo). De acordo com o que explicita o livro do Deuteronômio, (6, 4) o seu credo reza que “Escuta Israel! O eterno é nosso Deus, o Eterno é um!” (TORÁ, 2001, p. 524). Pode-se dizer que foi uma religião que nasceu na experiência de fracasso de um povo, conforme expressou o Rabino Pinchas Lapide: “O judaísmo surgiu na pobreza de nossos antepassados nômades, que não podiam chamar de seu nem mesmo um pedaço de pão, que erravam pelo deserto como beduínos, de penúria à penúria” (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 117).

No entanto, para alguns autores, a exemplo de Asheri (1995, p. 3), ser judeu é muito mais que ser religioso, “porque é possível ser judeu sem ser religioso [...]” como foi o caso de Sigmund Freud. Para Gottfried (2011), o judaísmo é mais que uma religião, pois também é tanto uma cultura como uma filosofia de vida. Outro aspecto importante é que os judeus são aqueles que nascem de mãe judia e se “somente o pai é judeu, os filhos desse casamento não são judeus, e se quiserem tornar-se, terão de passar pela conversão religiosa, da mesma maneira que qualquer outro gentio” (ASHERI, 1995, p. 3). Por esse motivo,

Viktor Frankl, em sua autobiografia, descreve a sua genealogia levando em consideração apenas a descendência de sua mãe.

Desse modo, para se compreender no que consiste o judaísmo é preciso levar em conta que o binômio religião e povo não se dissocia nesse sistema de crença, pois a prática religiosa e seus elementos de identidade cultural encontram-se imbricados de tal forma que constituem uma ortopráxis – que pode ser compreendida como a prática da ortodoxia (CRUZ, 2016). Ademais, conforme ressalta Filoramo (2005), esse sistema de crença pode ser visto como um sistema religioso que se caracteriza fundamentalmente por seu monoteísmo ético, no qual Deus é concebido como onipotente, criador do universo, podendo intervir tanto na natureza como na história. Segundo Hellern, Notaker e Gaarder (2000, p. 109):

*O fato de que Deus é um e apenas um se reflete também na existência humana. Toda a vida de um homem deve ser consagrada. Não há linha divisória que separe o sagrado do profano. Honra-se ao Senhor também na vida secular. A tarefa mais importante do homem é cumprir todos os seus deveres para com Deus e para com seus semelhantes.*

Como uma das principais religiões do livro, a primordial fonte de fé do judaísmo é a Bíblia Hebraica, que é constituída de 39 livros – no contexto cristão corresponde aos livros do chamado Antigo Testamento (na vertente protestante, pois no catolicismo esse conjunto é formado por 46 livros). A coleção que forma a Bíblia Hebraica divide-se em três partes: a Torá (ou Lei equivalente aos cinco primeiros livros, e do hebraico significa “ensinamento”); o segundo grupo chama-se os Profetas, constituídos por uma subdivisão em anteriores e posteriores, e por fim, o último grupo chamado os Escritos, que correspondem aos livros diversos em conteúdo e gênero literário (FILORAMO, 2005).

De acordo com o que afirmam Eliade e Couliano (2003, p. 215) “o povo judeu surge na história depois do ano 2000 a. C. Descende em parte dos amoritas ou ‘ocidentais’ que se instalam na Mesopotâmia no fim do III milênio”. No entanto, é preciso lembrar que, assim como outros povos, os judeus distinguem ou subdividem-se em grupos em que, segundo Asheri (1995), pode ser vista a distinção por gênero, como são os casos dos *cohen*, *levi* e *israel*, que se distinguem em função de sua descendência e de sua função em suas origens. No primeiro caso, (os *cohen*) correspondem aos descendentes de Aarão e são os sacerdotes (os escolhidos por Deus); o segundo grupo equivale aos que descendem da tribo de Levi, são assistentes dos sacerdotes; e a terceira categoria consiste no mais numeroso grupo, que é formado pelos judeus comuns que não são nem *cohen* e nem *levi*.

Outra divisão significativa no que se refere ao povo judeu equivale à divisão em *ashkenazim* e *sefaradim*, e uma terceira categoria que contempla os demais judeus. Essa divisão fundamenta-se numa perspectiva histórica e geográfica. Os *ashkenazim* são descendentes de judeus “de fala ídiche, alemã, francesa, húngara e russa, assim como a maioria dos judeus da Escandinávia, Finlândia, Inglaterra e Holanda. De modo geral, é quase certo um cujos pais, avós ou bisavós falaram ídiche, alemão ou húngaro seja um *ashkenazi*” (ASHERI, 1995, p. 8). Já a categoria dos *sefaradim* contempla as comunidades judaicas de “fala árabe, persa e turca, as quais, verdadeiramente, não são de descendência espanhola, de maneira alguma, mas adotaram o rito espanhol em suas preces e serviços de sinagoga” (ASHERI, 1995, p. 12), enquanto os que pertencem à terceira categoria fazem parte das demais regiões, em síntese, a África, a Ásia e o subcontinente indiano.

Estudos recentes sugerem que a categoria de *ashkenazim* é descendente de um único grupo de 350 pessoas oriundas da idade média (CARMI et al. 2014). Provavelmente Frankl deriva-se da mesma linhagem que gerou vários gênios da humanidade, tais como: Albert Einstein e Sigmund Freud. No tópico a seguir, será abordado quem foi Viktor Frankl e qual foi a sua relação com o judaísmo.

## A RELAÇÃO DE VIKTOR FRANKL COM O JUDAÍSMO

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra e neurologista judeu sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Criou uma corrente de psicoterapia denominada Logoterapia e Análise Existencial, conhecida como uma forma de psicoterapia centrada no sentido da existência. A sua preocupação primeva foi com o vazio existencial decorrente da frustração existencial. Pode-se compreender que o *leitmotiv* de sua obra foi “a elucidação do território fronteiriço que se estende entre a psicoterapia e a filosofia, considerando especialmente a problemática do sentido e dos valores na psicoterapia” (FRANKL, 2010b, p. 67). Sua mãe, Elsa Lion, era descendente de Salomo ben Isaak e do rabino Löw de Praga, importantes referências na cultura judaica. Possivelmente sua descendência se origina da mesma tribo de Davi, Judá, que tinha como referência o simbolismo do leão, como sugere o livro do Gênesis (49, 9): “Judá é filhote de leão; te livraste da presa, meu filho. Curva-te e deita-se como um leão, como leão, quem o levantará?” (TORÁ, 2001, p. 145).

Durante a Segunda Guerra mundial, passou por um grande dilema: ser um psiquiatra nos Estados Unidos ou permanecer em Viena para cuidar dos seus pais que já eram idosos. Sobre esse momento, relatou em sua autobiografia que estava buscando uma resposta dos céus. Na ocasião, encontrou uma pedra de mármore na mesa do seu pai e o indagou:

- *O que é isso? – perguntei a meu pai.*

- *Isso? Ah, eu encontrei hoje sobre um monte de destroços lá onde fica a sinagoga que foi queimada. Esse pedaço de mármore é parte das tábuas dos mandamentos. Se você se interessar, posso dizer-lhe de qual dos dez mandamentos pertencia essa letra hebraica aí cinzelada. Pois há um mandamento com essa inicial.*

- *Qual é? Insisti com meu pai.*

- *Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra... – foi o que ele me respondeu.*

*Então eu fiquei ‘na terra’, junto aos meus pais, e deixei o visto caducar (FRANKL, 2010b, p. 99).*

Nesse período ainda trabalhava em um hospital que atendia exclusivamente judeus. Por ocasião da autorização da eutanásia em pacientes com transtornos mentais, o jovem médico começou a dar laudos médicos falsos para salvar a vida dos seus pacientes (FRANKL, 2010b), o que estaria em consonância com os ensinamentos do Talmude quando prescreve que “Todo aquele que destrói uma única vida humana é considerado, aos olhos do Criador, como se destruísse o mundo inteiro, e aquele que salva uma única vida humana, como se salvasse o mundo inteiro” (TORÁ, 2001, p. 5).

Tornou-se um prisioneiro nos campos de concentração de Theresienstadt, Türkeim, Kaufering e Auschwitz sob o número 119.104, separado de sua esposa e sua mãe. Seu irmão fugiu para a Itália, mas foi capturado pelos soldados nazistas. O seu pai faleceu em Terezin e, segundo o rabino checo Ferda, ele teria sido um *zaddik*, ou seja, um justo. Ademais, no dia do *Yom Kippur*, dia do perdão, ele rezava e jejuava. Apesar de sua observância judaica da lei, possuía, segundo Frankl (2010b), um pensamento crítico, podendo ser considerado como um judeu liberal.

Em sua estada nos campos, constatou que muitos dos prisioneiros encaminhados às câmaras de gás rezavam um pai nosso ou recitavam o Shemá Israel ou pronunciavam *Kidush Hashem*, que significa: santificar o nome de Deus, ou quando se sacrifica a sua própria vida ao invés de transgredir a Torá, ou age de forma ética e bondosa<sup>1</sup>.

Dentre aqueles que foram condenados à morte, encontrava-se o irmão mais velho de Viktor Frankl, Walter. Curiosamente, no livro *Ensinamentos sobre a Torá*, encontra-se o seguinte comentário acerca da característica literária do Gênesis:

*A narrativa frequentemente se concentra na vida de um filho posterior em preferência ao primogênito: Sete sobre Caim, Sem sobre Jafé, Isaque sobre Ismael, Jacó sobre Esaú, Judá e José sobre seus irmãos, e Efraim sobre Manassés. Esse*

*destaque para os homens escolhidos por Deus e para as suas famílias talvez seja a característica literária e teológica mais óbvia do livro do Gênesis como um todo* (ENSINAMENTOS DA TORÁ, 2019, p. 6).

De forma análoga, Viktor Frankl, o irmão mais novo, fora poupado, embora considerasse que Walter deveria ter sobrevivido. Apesar de ter oferecido sua vida como um sacrifício para os céus para que os seus familiares fossem poupados, a sua oferta fora preterida. Em uma peça de teatro, *Sincronización en Birkenwald*, escrita após a sua libertação, Frankl (2006, p. 53) escreve:

*Leva-me, Leva-me Senhor! Ofereço minha súplica para completar a obra... Agora, agora estou pronto... Estou próximo de ti e agora sei: esta fração de uma vida será completada se me ofereço... Sim aceito partir. Toma minha vida, aceita-a por como um sacrifício pelos outros.*

Possivelmente teve um sentimento de culpa por ter sobrevivido ao *Shoah*, pois comenta sobre a rejeição daquele sacrifício: “Ele não aceitou... minha vida... meu oferecimento... eu estou sujo...” (FRANKL, 2006, p. 54). Por outro lado, por atribuir a sua salvação a um milagre divino, tinha a sensação que tinha sobrevivido para um propósito ou uma missão. Izar Xausa, pioneira da logoterapia no Brasil, relata que, ao conhecê-lo pessoalmente, apontou-o como salmista do século XX, e assim afirmou: “[...] sentimos que Frankl viveu e morreu em direção ao Sentido Último, penetrando e desvelando o mistério daquele Deus vivo que se revelou ao seu povo através de Moisés” (XAUSA, 2012, p. 34).

Ao ser liberto, salmodiou: “Na angústia gritei ao Senhor, e ele me respondeu no espaço livre” (FRANKL, 2010a, p. 115-6). Após a sua soltura dos campos de concentração, comentou:

*[...] a plenitude do sofrimento me resulta algo assim como uma distinção, um estado próximo a algo superior. [...] Tomo a Bíblia e leio um pouco o livro de Jó. [...] folheio os Salmos e leio: ‘Põe tua esperança no Senhor. Tem valor, recobra o ânimo. Põe tua esperança no Senhor’* (FRANKL, 2018, p. 84).

Pode-se compreender que o pensador vienense não era um judeu ortodoxo, contudo, todos os anos, no dia 27 de abril – data da sua libertação – costumava ir a uma sinagoga. Assim, cultivou sua espiritualidade compreendendo que, se há uma tarefa na existência, deve haver também um contramestre que a designou (FRANKL, 2010b).

Sua primeira esposa, Matilde Grosser, que morreu no campo de Bergen-Belsen, era judia. Em segundas núpcias, sua esposa Eleonore Frankl era católica, o que

demonstra a sua abertura religiosa. Sobre esse fato, comenta: “Para nós o principal não é a confissão, se não a religião. Não nos importa o caminho que nos leva ao senhor, se não a meta: Deus” (FRANKL, 2018, p. 108-109).

Além da sua espiritualidade, saltam aos olhos do leitor de seus livros as inúmeras referências à cultura judaica, por exemplo, a respeito da confiança no sentido incondicional em situações de fracasso ou desespero, Frankl (2011, p. 194) faz referência ao profeta Habacuque:

*Essa possibilidade não foi – e tem sido – demonstrada apenas por inúmeros pacientes nos dias de hoje, mas também por um camponês que viveu nos tempos bíblicos. No caso dele, seu fracasso foi literalmente nas colheitas. E seus celeiros estavam literalmente vazios. Ainda assim, do alto de confiança incondicional num sentido último e de uma fé incondicional num Ser último, Habacuque entoou seu hino triunfante.*

Outra referência à cultura judaica foi quando o autor aventou que o sentido deveria ser o guia do ser, ou seja, deve ir sempre à frente do ser. Para exemplificar esse ensinamento, Frankl (1989, p. 103-4) retoma a história do Êxodo bíblico:

*Durante o êxodo de Israel através do deserto, Deus caminha em forma de nuvem à frente do seu povo. E não deixaria de vir a propósito interpretar essa passagem, afirmando que o sentido (último; o suprasentido, na nossa formulação) caminha à frente do ser, seguindo este último ao primeiro, arrastando consigo o primeiro a este último. Senão, imaginemos o que teria acontecido se a majestade de Deus, em vez de ir à frente de Israel, tivesse permanecido no meio desse povo, logo se entrevê o que se sucederia: a nuvem nunca mais estaria em condições de conduzir Israel pelo deserto até o fim, até o lugar de destino; pelo contrário, teria envolvido tudo em brumas, ninguém poderia já orientar-se, e Israel ter-se-ia extraviado.*

Uma citação importante encontrada em suas obras é com relação a Hillel, líder protorrabínico considerado por Frankl como um grande sábio judeu. O pai da Logoterapia menciona as três perguntas de Hillel: “Se eu não fizer, quem o fará? Se eu não fizer agora mesmo, quando eu deverei fazê-lo? E, se o fizer por mim mesmo, o que eu serei?” (FRANKL, 2011, p. 73). A primeira pergunta refere-se à unicidade do ser, pois o sentido sempre se refere a uma pessoa específica; a segunda pergunta remete à fugacidade do sentido do momento, enquanto a terceira aponta para o caráter de abertura para o mundo, denominado de autotranscendência.

Ademais, Frankl (2019) considerava que todo ser humano teria uma sabedoria imanente ao seu espírito, e que, a priori, já saberia, de forma intuitiva (pré-reflexiva),

como encontrar o sentido da sua existência. Para explicitar essa compreensão, recorreu a um texto judaico:

*Em uma passagem do Talmude está escrito que todo recém-nascido, no instante em que chega ao mundo, recebe de um anjo um tapa na boca, após o que esquece tudo que viu e aprendeu antes de nascer. Essa lenda trata de um saber preexistente e de uma verdade, ‘a’ verdade, mas pode ser interpretada igualmente no sentido de um entendimento pré-reflexivo, que inclui necessariamente um auto-entendimento pré-reflexivo (FRANKL, 2019, p. 109).*

Outrossim, a logoterapia coincide com a sabedoria judaica quando esta última advoga que “cada um deve saber por qual caminho seu coração deve ser o escolhido, com toda a disposição” (BUBER, 2011, p. 15). Por esse motivo, segundo o pensador vienense, o sentido precisa ser descoberto e alerta que: “Não é a logoterapia que compete decidir sobre o sentido e não-sentido, ou sobre o valor e não-valor; é a serpente que, no Paraíso, prometeu aos homens torná-los ‘iguais a Deus, conhecedores do bem e do mal’” (FRANKL, 1989, p. 108).

Além disso, o judaísmo compreende que quando o paciente não consegue vislumbrar um significado na enfermidade, ele pode sofrer espiritualmente. Segundo o Rabino Adrián Gottfried “quando encontramos significado em nossa enfermidade, o sofrimento tem sua intensidade diminuída, e estamos em melhor condição de encontrar *healing* espiritual nessa hora” (GOTTFRIED, 2011, p. 349). Por esse motivo, Frankl (1989) defende que o ser humano precisa encontrar um sentido no próprio sofrimento.

Portanto, é necessário “dar testemunho do potencial especificamente humano [...] transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista” (FRANKL, 2010a, p. 136-7). Essa ideia está contemplada em sua teoria ontológica do tempo – profundamente enraizada em um dos versos do Salmo:

*Todas as minhas andanças, todas as minhas perambulações sem rumo, você guardou na memória e registrou em teus livros; as minhas lágrimas não estão em teu cântaro? Até os sofrimentos são preservados no passado. Tudo está preservado no Senhor. É isso que eu penso agora. Por um lado, Deus guardou as lágrimas do passado. E, por outro lado, acontece que Ele há muito já tinha o futuro em suas mãos, nos arquivos (FRANKL; LAPIDE, 2013, p. 148).*

Tendo em conta a constatação da influência da cultura religiosa de Viktor Frankl na construção do seu pensamento, torna-se necessário aprofundar o significado da mística judaica, o que será exposto a seguir.

## MÍSTICA JUDAICA E O PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL

Igualmente à dificuldade em definir, em poucos termos, em que consiste o judaísmo, tratar da sua mística torna-se tarefa desafiadora principalmente pelo fato de que muitas são as visões e interpretações acerca dessa prática judaica. De acordo com o rabino Tzvi Freeman, a Cabala ou Cabalá consiste na “sabedoria recebida, a teologia e a cosmologia nativas do Judaísmo. Outro nome para Cabalá – mais revelador – é “*Torat ha’Sod.*” Comumente, é mal traduzido como “o ensinamento secreto”. A tradução correta, porém, contém o significado oposto: “o ensinamento do secreto”<sup>2</sup>.

Em função desse caráter misterioso de algo com acesso restrito ou delimitado a algumas pessoas, a Cabala recebeu diversas conceituações, sendo vista e/ou tratada como: ensinamento, movimento, mística, entre outros. Nesse sentido, destaca-se o posicionamento de Asheri (1995, p. 255) deixando claro exatamente o que a Cabala não é, pois, segundo ele, a

*Cabala de maneira alguma é uma doutrina ou disciplina unificada, mas sim uma aglomeração de diversas filosofias e metodologias místicas, das quais um dos objetivos importantes não é a busca de mundos ocultos, mas a compreensão do mundo que ocupamos exatamente agora.*

O autor também destaca que:

*O significado literal da palavra kaballa é ‘receber ou algo recebido’. No hebraico moderno quer dizer qualquer tipo de recibo. Já a encontramos no nome do serviço vespertino da sexta-feira, Kabbalat Shabat. Para o judeu, ela possui o significado adicional da tradição mística em Israel, a qual, por muitos séculos, foi realmente passada por um praticante a outro, e da qual apenas uma pequena fração se encontra escrita (ASHERI, 1995, p. 255).*

Nessa exposição, encontram-se alguns traços de como as interpretações sobre a Cabala podem variar de contexto para contexto, pois, ao destacar que “para o judeu ela possui o significado adicional da tradição mística em Israel”, o autor deixa implícito que em outras culturas ela pode ser vista de forma diferenciada.

De acordo com os historiadores Mircea Eliade e Ioan P. Couliano (2003, p. 226), em seu Dicionário das Religiões, a Cabala consiste numa forma de mística judaica na qual as suas raízes

*estão mergulhadas, por um lado, nas antigas especulações gramatológicas e numerológicas cujo produto foi o Sefer Yetsirah ou ‘Livro da Criação’ [...] e,*

*por outro, na literatura hecalótica. Moshe Idel distingue na cabala uma fórmula ‘teosófico-litúrgica’ de uma fórmula ‘extática’.*

Além disso, outros autores destacam essa visão da Cabala como uma experiência mística, de modo a denominá-la Mística Judaica (HELLER, 2011). Para esse autor, a Cabala é vista de ângulos distintos por estudiosos e acadêmicos, sendo tratada

*ora como uma forma de conhecimento não racional que sobreviveu aos séculos de dispersão e uma expressão viva do que poderíamos chamar de ‘ethos’ judaico, ora como um fenômeno histórico que exerceu intenso fascínio nas massas judaicas [...] (HELLER, 2011, p. 58).*

Nessas conceituações, um elemento torna-se recorrente: a associação da Cabala com a mística, fazendo-se necessário esclarecer do que se trata tal perspectiva:

*Por ‘tradição mística’ se quer dizer, em termos amplos, a tentativa de compreender os significados secretos ou ocultos da Torá; a especulação referente à criação do universo; a compreensão da maneira pela qual Deus se manifesta nessa criação; a comunicação com Deus, de uma forma tão direta quanto possível, através da prece; e, finalmente, a regulação do comportamento e da vida do místico, com o objetivo de unificar os ‘mundos superiores’, através dos quais a força criativa de Deus opera, e o ‘mundo inferior’ em que vivemos (ASHERI, 1995, p. 255).*

Dito de outro modo e enfatizando o caráter racional presente na mística, Heller (2011, p. 59-60) acrescenta que

*o próprio caráter da contemplação mística, seja de qualquer natureza ou vinculada a qualquer sistema religioso, prescinde inteiramente da racionalidade. A experiência é indescritível ou, quando há a tentativa de descrevê-la, sua essência se esvai pela insuficiência de vocabulário.*

Desse modo, o autor esclarece que ao se abordar fenômenos e/ou práticas místicas não se concebe o distanciamento dos aspectos racionais presentes nessas manifestações, porém, é preciso compreender que essa racionalidade pode ser insuficiente para explicar ou definir tudo que ocorre em sentido místico.

Para Hertz (2011, p. 51) a cabala “[...] é, e sempre foi, um caminho para o homem se aproximar do Criador, uma busca de Deus através da qual o homem se torna consciente de si mesmo e do mistério que existe tanto dentro dele como em seu redor”. Nesse sentido, e vislumbrando apontar com mais clareza as visões acerca do significado da Cabala, pode-se afirmar que ela é um dos “movimen-

tos” que reforça ou reafirma a identidade judaica, conforme destaca Asheri (1995, p. 256), afirmando que ela é inteiramente judaica e que tem seu fundamento firmemente na Torá e contemplando a premissa de que os judeus são o povo escolhido por Deus: “Não existem livros da Cabala escritos por não-judeus e nenhum cabalista jamais foi outra coisa, senão um judeu, e já bem instruído na Bíblia, no *Midrash* e no *Talmud*”. Nas palavras do estudioso italiano e professor de história do cristianismo Filoramo (2005, p. 43), a Cabala consiste

*[...] de um movimento especulativo de fundo místico que surgiu no final do século XIII d. C. entre judeus eruditos no sul da França e norte da Espanha. Com base em uma concepção neoplatônica do mundo, as fontes da tradição foram relidas para determinar melhor a relação entre divindade absolutamente transcendente (En sof) e a criação. Para preencher esse abismo, os cabalistas recorreram a dez forças ativas divinas, hipóstases emanadas da divindade, as chamadas sefiroth. Sua ação e sua natureza são objeto de descrição reservadas a um restrito círculo em condições de experimentar no próprio íntimo a sua presença. A denominação e a descrição dessas sefiroth derivam do uso alegórico e simbólico de elementos bíblicos. Desse modo, toda a Bíblia é vista como uma descrição cifrada pelos processos dessas emanções da divindade.*

A mística faz uso de técnicas e procedimentos específicos que proporcionam “concentração e contemplação para se atingir um êxtase, objetivo maior do místico. O êxtase propicia a manifestação e/ou compreensão daquele SER. Trata-se de uma experiência única, singular, impossível de ser compartilhada e somente acessível àqueles iniciados nos exercícios da contemplação” (HELLER, 2011, p. 59). No caso da Cabala, essas experiências místicas são diretamente ligadas à manifestação da divindade e estão imbricadas com a história do povo judeu,

*A manifestação progressiva das sefiroth coincide com a manifestação progressiva da divindade na criação: uma passagem da unidade à multiplicidade que se traduz, na última sephira – a “comunidade de Israel” dispersa no mundo –, no próprio exílio de Deus no mundo. Daí o processo em sentido contrário, da multiplicidade à unidade, que o cabalista persegue e que, pelas circunstâncias históricas, pode ser puramente interior ou pode se traduzir em movimentos, de natureza messiânica, que procuram, como o sabatismo do século XVII d. C., reconstruir a unidade perdida de Israel (FILORAMO, 2005, p. 44).*

Nessa direção destaca-se também o posicionamento de Sholem (1961) citado por Ferreira (2018) afirmando que “o misticismo judaico em suas várias formas re-

presenta uma tentativa de interpretar valores místicos. Concentra-se na ideia do Deus vivo que se manifesta nos atos da Criação, Revelação e Redenção” (SHOLEM, 1961, *apud* FERREIRA, 2018, p. 92-3).

De acordo com os argumentos deste autor, foram muitas as tentativas para provar a unicidade de Deus. E isso tornou-se um desafio para muitos filósofos, como ele exemplifica com a elaboração de diversas teses que circundavam acerca de: simplicidade, perfeição, infinitude, imutabilidade, unidade (nesses casos, defendidas por Tomás de Aquino); a vontade criativa de Deus (atribuída a Scotus); a existência de um Deus único que reivindica devoção total (William de Ockham), entre outras questões filosóficas. E ainda a questão da criação e da unicidade de Deus associados ao pensamento racional e à tradição religiosa, como fizeram Saadya Gaon e Maimônides, pensadores judaicos (FERREIRA, 2018).

Essas teses citadas acima, segundo esse autor, falharam em função de suas pressuposições metafísicas incomprováveis, pois permanecia o conflito de entendimento entre o Deus conhecido e o Deus oculto, até porque ninguém poderia conceber Deus sob este último aspecto: o oculto. Nesse sentido, pode-se dizer que a Cabala “em si e de *per si* não contesta a Filosofia, não rivaliza com a racionalidade: ela simplesmente é uma alternativa de conhecimento sem se constituir numa epistemologia sistematizada definida” (HELLER, 2011, p. 60). Retomando a questão da face oculta de Deus:

*No sistema da Cabala o Ein-Sof (que é a raiz negativa eternamente existente) é a perfeição absoluta, na qual não há distinções e nem diferenciações, uma harmonia perfeitamente balanceada e além de qualquer projeção intelectual. Ele, o Ein-Sof, ‘não se revela’ de uma forma a permitir o conhecimento da sua própria natureza. E ‘não é acessível’ até mesmo ao pensamento mais elevado. Daí surge o conceito de ‘nada’ como sendo aquilo que não pode ser nomeado. Não por ser inefável, mas por estar acima de qualquer tentativa de capturar a essência primordial da criação (FERREIRA, 2018, p. 94, grifo nosso).*

Ser que não se revela e não é acessível, o nada que não pode ser nomeado, aspectos de um Deus oculto, que se encontra numa dimensão acima do que se compreende como natural e acessível ao homem. Nessa direção, o chassidismo (*chassid* = devoto a religião) compreende que Deus se encontra oculto na vida cotidiana. O Movimento Chassídico surge como uma perspectiva mística no judaísmo iniciado no século XVIII no Leste Europeu. Baal Shem Tov, por meio de sua sabedoria, ofertou às pessoas simples a dignidade, o sentido de valor próprio e uma razão para existirem. Ensinava que as pessoas deveriam estar alegres e se afastar da depressão e do desespero<sup>3</sup>. Nessa mesma direção, Frankl propôs

que “aquele que quer viver bem precisa enxergar o lado positivo das coisas” (FRANKL, 2010b, p. 36).

Já a filosofia *chabad*, uma das ramificações do chassidismo, “argumenta que os sentimentos do coração, embora importantes, são frequentemente efêmeros, eles precisam ser estimulados, controlados e fixados pelos poderes da mente” (WEINER, 1992, p. 162-3). A logoterapia concebe que o ser humano pode se autodistanciar dos condicionamentos internos e externos, pois frente ao destino psíquico, somático ou sociológico se encontra a liberdade humana em agir ou se posicionar.

Outro ponto de convergência entre o pensamento de Frankl e o chassidismo se refere ao suprasentido, o que pode ser indício de uma influência em sua forma de interpretar esse “supra-Ser”, o Ser último ou sentido último.

Em sua obra *A presença ignorada de Deus*, Frankl assevera que é típico do ser humano simbolizar. Segundo ele, o “nada realmente significa ‘não ser uma coisa’. Isso significa que um Ser último – o correspondente ao ‘sentido último’ –, ou seja, Deus, não é uma coisa entre outras, mas [...] ‘o próprio Ser’” (FRANKL, 2016, p. 108). E acrescenta ainda que, “esse ‘supra-Ser’ (se assim posso chamá-lo) que, de alguma forma, está além do mundo, não pode ser colocado no mesmo nível das coisas ‘mundanas’, ‘dos seres do mundo’ (Martin Heidegger), que habitam o mundo” (FRANKL, 2016, p. 108-9).

Nessa direção encontra-se a afirmação de Aquino (2014, p. 65-66), lembrando que os sentidos mundanos,

*em situações concretas, são passíveis de apreensão, enquanto que o suprasentido (Übersinn) permanece sempre inacessível. [...] o homem religioso dá um passo a mais, considerando também um supra-Ser, que vai além da capacidade cognoscitiva, incluindo uma dimensão ‘trans-antropológica’.*

Segundo a visão de Frankl (2011), seria impossível romper a dimensão do mundo humano para adentrar no mundo divino, apenas pode-se acessá-lo por meio da fé e manter a confiança no Ser último. Por esse motivo, observa o autor: “Mas Deus está ‘acima de todas as bênçãos e hinos de louvor, de toda adoração e consolação que se proferem no mundo’, como é dito na famosa oração judaica para os mortos, o Kaddish” (p. 181-182). Ademais, a concepção frankliana sobre o suprasentido fenomenologicamente aponta que “quanto mais amplo for o sentido, menos compreensível ele se torna” (FRANKL, 2016, p. 116).

A inacessibilidade do homem de forma direta à dimensão do suprasentido faz com que aquele apenas possa acreditar nela, mesmo que de forma inconsciente (FRANKL, 2010a). Para Aquino (2014, p. 88-9), é possível afirmar que a influência judaica no pensamento de Frankl serviu de base para a

*construção de uma compreensão da vida e do mundo que se aproxima mais da vivência do homem comum, proporcionando um melhor entendimento dos aspectos humanos por meio de um conhecimento proveniente da sabedoria, não se derivando da racionalidade científica.*

O Chassidismo, segundo Hertz (2011), sugere o conceito de três almas: divina (dimensão positiva do homem), intelectual e natural (alma animal). Já nos comentários da Torá (2001), no Bereshit (Gênesis), sugere-se que Moisés ben Maimon (1135-1204), pensador judeu medieval, faz a distinção de dois conceitos: *Tsélem* (Forma) e *Demut* (semelhança), de *Tôar* (Aspecto) e *Tavnit* (Configuração), os dois primeiros referem-se à forma espiritual, e os dois últimos, à figura material. Nessa esteira, segundo o pensamento judaico, “o homem foi criado com uma semelhança espiritual a Deus” (TORÁ, 2001, p. 3).

Na Torá, Deus é descrito na forma plural (*Elohim*), sugerindo que “Deus compreende e unifica todas as forças infinitas e eternas.” (TORÁ, 2001, p. 1). Lukas (2005), uma discípula de Frankl, certa vez comentou acerca do seu mestre: “Ele conseguiu também esboçar um princípio filosófico de vida que se encontra espantosamente próximo ao ‘pulsar da criação’. [...] na prática, a ‘criação’ acontece em cada dia da vida de todo homem [...]” (LUKAS, 2005, p. 157).

Em consonância com a sua cultura judaica, o pensador austríaco compreende que o ser humano é uma unidade tridimensional (*unitas multiplex*), constituído por uma dimensão somática, psíquica, mas a essência é sua dimensão espiritual (noológica), sendo que a dimensão noológica integra as demais (FRANKL, 2011). Se o homem, como criatura, é semelhança espiritual do seu criador, logo, os fenômenos espirituais no homem são análogos aos divinos. Por exemplo, Deus é descrito na Torá como criador, da mesma forma, a dimensão espiritual é caracterizada por atos criativos; Deus é um Deus que ri, como sugerem os salmos (Salmos 2,4; 37,13 e 59,9; BÍBLIA DE JERUSALÉM), então, o humor é uma característica especificamente humana ou espiritual, “constitui um atributo divino” (FRANKL, 2011, p. 27). Segundo o *Bereshit*, “O espírito de Deus se movia” (TORÁ, 2001, p. 1), Frankl (2019), por sua vez, define o espírito no âmbito humano como puro movimento, ou movimento no ser.

Nessas referências, pode-se dizer que se encontram entrelaçamentos entre o modo de pensar frankliano e aspectos religiosos judaicos. De forma geral, compreende-se que esse estilo de pensamento pode estar relacionado com a forma judaica de compreender a vida, como o *ídiche Kop*, o que será objeto de atenção no próximo tópico.

## RELAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO DE FRANKL E O CONCEITO DE *ÍDICHE KOP*

Os judeus desenvolveram uma resiliência ao longo da sua história, o que Bonder (1995) denominou de uma forma de resolução de problemas chamada *Judische Konpf* ou *ídiche Kop*, que significa literalmente: “cabeça de judeu”, ou uma estrutura mental de resolução de problemas. O referido autor assim definia: “é o instante de virada, quando o resignado recupera o brilho de seus olhos e, lançando mão de uma ousadia radical, insiste em dizer que ainda está no jogo” (BONDER, 1995, p. 7-8). O judaísmo nasceu da experiência do fracasso e aprendeu a dizer sim à vida, ou seja, a manter esperança (FRANKL; LAPIDE, 2013), já a logoterapia pode ser compreendida como uma fenomenologia da esperança, pois compreende que, nos revezes da vida, há sempre uma possibilidade de encontrar e realizar um sentido.

Nessa direção, Frankl (1989) denominava um “giro Copérnico” quando o paciente percebia uma nova possibilidade no pano de fundo de uma situação. Da mesma forma, “a condição identificada como *ídiche kop*, portanto, é menos uma sapiência do que uma transcendência de uma dada ignorância” (BONDER, 1995, p. 9). Para Frankl (1989), o sentido está oculto e precisa ser encontrado ou desvelado. Da mesma forma, na perspectiva da *ídiche kop*, o oculto não é perceptível no momento em que o ser humano se depara inicialmente com um problema, conseqüentemente, torna-se necessário romper com padrões de possíveis soluções (BONDER, 1995). Por esse motivo, concebeu o autor: “O segredo do cabalista está em preservar o texto original para rompê-lo com revelações do que lhe é oculto no que lhe é aparente, ou do que lhe é aparente no que lhe é oculto, ou mesmo do que lhe é oculto no que lhe é” (BONDER, 1995, p. 23).

Para romper os padrões do aparente, é necessário compreender as quatro dimensões ou mundos, como sugere o mestre Chassídico Schneur Zalman de Ladi (1745-1812): 1) O aparente do aparente: dimensão da lógica, do óbvio, do ordinário e do concreto; 2) O oculto do aparente: é uma dimensão da consciência, que revela que algo permanece encoberto pelo aparente. Estas duas dimensões são apreensíveis por meio da consciência. 3) O aparente do oculto: a dimensão do aparente é a manifestação do oculto; e 4) O oculto do oculto: é destituído de qualquer dimensão do aparente e não pode ser captado pela razão, mas apenas por meio da ação (BONDER, 1995). Dessa forma, a realidade seria apenas uma aparência ou uma ilusão e, por trás da casca, existiria uma centelha divina. Torna-se necessário atentar à aparência e realidade, exterior/interior, para mudar a visão de mundo (HERTZ, 2011).

Apenas seria possível extrair o aparente do aparente por meio de perguntas. Mais do que uma resposta, o primordial é a arte de fazer indagações, pois elas possuem

qualidades clarificadoras e redentoras de sentido. O pensamento judaico se processa em dois níveis distintos: *Mashal* (significador) e *Nim'Shal* (significante) que pode ser traduzido como parábola ou alegoria. De uma forma dialética, pode-se extrair o significador do significante, ou seja, o significador é aquilo que pode ser apreendido como essência do significante (BONDER, 1995).

Da mesma forma, Frankl (2011) utilizava imagens e analogias para transmitir os ensinamentos do seu sistema de pensamento. A título de exemplo, encontra-se a seguinte história:

*Era uma vez, um homem com um telescópio. Ele se desesperava por não conseguir encontrar determinado planeta no sistema solar, já tendo buscado todo o céu em busca dele. Mais especificamente, o planeta que buscava se chamava terra. Um amigo seu o aconselhou a procurar um sábio de nome Martin Heidegger. 'O que você procura?' Perguntou Heidegger ao astrônomo. 'A terra', lamentou o homem, 'não consegui achá-la em nenhum lugar do firmamento'. 'E posso perguntar onde você fincou o pé do tripé?' Perguntou Heidegger. 'Sobre a terra, claro', foi a resposta imediata. 'Certo', concluiu Heidegger, 'eis o que você procura' (FRANKL, 2011, p. 188).*

Quando Frankl (2010a) se encontrava no campo de concentração de Auschwitz, perdera os seus manuscritos, mas encontrara no bolso de sua roupa de prisioneiro um papel com a oração *Shemá Israel*. O significador desse fato significante foi que agora deveria vivenciar aquilo que escrevera. Na sua perspectiva teórica também se encontra esse mesmo movimento no seu pensamento ao descrever a tríade trágica: dor culpa e morte, conforme o leitor pode observar no Quadro 1.

Quadro 1: Relações entre significante e significador na tríade trágica

Nim'Shal (significante)	Mashal (significador)
Culpa	Possibilidade de mudança
Dor/Sufrimento	Possibilidade de crescimento interior
Morte	Possibilidade em dar sentido à vida

Fonte: elaborado pelos autores.

Segundo a visão da logoterapia, por ser livre, consciente e responsável, o ser humano pode se tornar culpado. Entretanto, a culpa pode ser um meio para transformação, já que o ser humano é um ente de novas possibilidades. Já a finitude é constitutiva do sentido da vida, pois inicialmente é constituída apenas por possibilidades que, ao longo da historicidade, convertem-se em realidades

existenciais (fatos, vivências e sofrimento). A morte, assim, desperta o caráter de responsabilidade das escolhas. Por essa razão, “nunca poderíamos avaliar a plenitude de sentido duma vida humana com base na sua duração. Afinal, também não avaliamos uma biografia pela sua ‘extensão’, pelo número de páginas, mas sim pela riqueza do seu conteúdo” (FRANKL, 1989, p. 111). Por fim, o sofrimento, segundo Frankl (1989), retira o homem da apatia existencial e o torna mais poderoso. O sofrimento faz parte de vida, do destino e pode configurar mais uma possibilidade de sentido: “O sentido do destino que um homem sofre reside, portanto, em primeiro lugar, em ser pelo homem configurado – se possível; e, em segundo lugar, em ser suportado – se necessário (FRANKL, 1989, p. 155).

Para o povo judeu, “nada é tão ruim que não possa vir a ter algo de bom”, da mesma forma pensa o pai da logoterapia: “não há nenhuma situação que não nos ofereça a oportunidade de realizar valores – quer no sentido de valores criadores, quer no de atitude” (FRANKL, 1989, p. 155).

De forma geral, tanto para a logoterapia como para a concepção ídiche kop, torna-se necessário extrair o oculto do aparente, pois há um sentido em cada situação, mesmo que seja desconhecido. Nas palavras do autor em tela: “Nas minhas últimas publicações volto continuamente à questão sobre o que seria um mero acaso e quando haveria, atrás de um suposto mero acaso, um sentido mais alto ou profundo, um sentido último” (FRANKL, 2010, p. 65).

O homem necessita extrair o oculto do aparente para encontrar a sua singularidade no mundo, conforme ensina o movimento chassídico:

*Assim como os patriarcas realizaram novas obras, cada nova obra de acordo com características próprias – uma obra de amor, outra de força, a terceira de esplendor –, também nós, cada um de sua maneira, devemos criar, à luz do ensinamento do serviço, algo novo; não o que foi feito, mas aquilo que está por fazer (BUBER, 2011, p. 16).*

Ao refletir sobre o caminho particular na perspectiva do ensinamento chassídico, Martin Buber considerou que cada ser humano traz algo novo ao mundo, e, por esse motivo, sua tarefa é concretizar suas potencialidades. Esse pensamento resulta em valorizar as características e aptidões distintas de cada ser, pois “a grande perspectiva da humanidade reside exatamente na diversidade dos homens” (BUBER, 2011, p. 17).

Da mesma forma, segundo Frankl (1989), a unicidade e a irrepitibilidade humanas são constitutivas para o sentido da vida, compreendendo que “ser = ser-diferente”. Nessa perspectiva, aventou: “Também poderíamos precisar agora a sobre-excelência do homem no campo do ser, oferecendo uma nova proposição: ser-

-pessoa (*menschliches Dasein, Existenz*) significa um absoluto ser-diferente (*Anders-sein*)” (FRANKL, 1989, p. 117)

Para realizar o potencial humano, Frankl defende que o ser deve se tornar o que ele pode ser, compreendendo que o homem precisa “colher as estrelas e trazê-las à terra” (FRANKL, 1989, p. 103). Assim, em sua compreensão, todos os dias são *Shabat*, ou seja, a obra da criação necessita ser complementada pela ação humana. Para tanto, a humanidade precisa de um guia e não de um pacificador que retire a tensão existencial:

*Um guia, na acepção em que aqui tomamos o termo, seria, por exemplo, Moisés. Moisés, com efeito, de modo algum procurou tranquilizar a consciência do seu povo; antes a desafiou. E, ao descer do monte Sinai, entregou ao seu povo os dez mandamentos, sem lhe poupar o confronto com os ideais nem o conhecimento da realidade, que lhes ficava muito aquém* (FRANKL, 1989, p. 104).

Ademais, segundo Bulka (1992), a ética judaica parte da ideia da busca da perfeição. O autor em foco cita o Talmude quando este assevera que: “não cabe a você concluir o trabalho, mas você não é livre para desistir dele” (*apud* BULKA, 1992, p. 32). Por conseguinte, o ser humano deve agir e se esforçar a partir dos limites das possibilidades da própria existência, conforme prescreve a canção judaica: “seja qual for nosso destino, queremos dizer sim à vida” (*Canção de Buchenwald*).

De forma geral, constata-se que Frankl utilizou a sua cultura judaica para expressar melhor as suas ideias e aprofundar temas no seu existencialismo, constituindo a logoterapia por meio do conceito de *ídiche Kop*. Pode-se concluir que tanto o estilo de pensamento quanto a filosofia judaica foram elementos essenciais para a constituição de sua análise existencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente artigo foi identificar as influências do judaísmo na vida e na obra de Viktor Emil Frankl, o que ficou explicitado na medida em que se pôde identificar a utilização do conhecimento místico judaico na constituição da sua análise existencial. Compreende-se que o judaísmo serviu não apenas como andaime para a construção do seu pensamento, mas que exerceu uma importante influência na sua visão de homem e de mundo.

Uma ideia que se encontra tanto na logoterapia quanto no pensamento judaico é a concepção de que há um sentido latente e oculto nas situações. Para Frankl (2010), o sentido é mais profundo do que a razão, por isso recorre ao conceito de fé no sentido na vida. Ademais, coincidem na medida em que, para o pensa-

mento judaico e para a logoterapia, todo ser humano teria uma missão irrepetível na terra. Ambos compreendem que o ser humano, ao morrer, precisa deixar o mundo melhor do que o encontrou. Por esse motivo, todo ser humano tem um valor incondicional e deve ser tratado sempre como um fim em si mesmo, conforme prescreve a ética kantiana.

No estilo de um autêntico profeta hebreu, Frankl denunciou a desumanização do ser humano e anunciou uma proposta de reumanização por meio de sua teoria e de sua prática clínica. Apontou a condição humana do vazio existencial nos tempos atuais e também propôs uma forma terapêutica para descobrir e realizar o sentido da vida. Nessa perspectiva, constatou-se que o seu existencialismo tem como um dos alicerces uma sabedoria que provavelmente provém dos primórdios da mística judaica.

#### RESEMBLANCES AND APPROXIMATIONS TO JUDAIC MYSTIC IN THE WORK OF VIKTOR FRANKL

**Abstract:** *the aim of the present article was to identify the influences of Judaism, especially Jewish mysticism, in the life and work of Viktor Emil Frankl. To achieve this goal, the article performed a literary review, searching for Judaic references in Viktor Frankl's writings. Among the approximations that were found, the 'idiche kop' is highlighted for its correlation with Frankl's "occult meaning" perspective. Also, his conception of "supra meaning" gets close to the cabalistic mystic as it refers to the comprehension of the inaccessible being. It was noted that Frankl utilizes his Judaic culture to express theoretic concepts of logotherapy and to deepen some themes of his existentialism.*

**Keywords:** *Judaism. Logotherapy. Viktor Frankl.*

#### Notas

- 1 A respeito, ver [https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/3409464/jewish/O-Kidush.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3409464/jewish/O-Kidush.htm). Acesso em: 24 dez. 2019.
- 2 Informação disponível em: [https://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/1745252/jewish/O-Que-Cabal.htm](https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1745252/jewish/O-Que-Cabal.htm). Acesso em: 08 jan. 2020.
- 3 Informações disponíveis em: <http://www.morasha.com.br/misticismo/o-nascimento-do-movimento-chassidico.html>. Acesso em: 19 jan. 2020.

#### Referências

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar. *A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014.
- ASHERI, Michel. *O judaísmo vivo: as tradições e as leis dos judeus praticantes*. 2. ed. revis. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Língua portuguesa. São Paulo: Paulinas, 2002.

- BONDER, Nilton. *O segredo de resolução de problemas: a utilização da ignorância na resolução de problemas*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BUBER, Martin. *O caminho do homem segundo o ensinamento chassídico*. Tradução: Claudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2011.
- BULKA, Rauven P. *Critical Psychological Issues: judaic perspectives*. Boston: University Press of American, 1992.
- BULKA, Rauven P. *Work, Love, suffering, and death: a jewish/psychological perspective through Logotherapy*. New Yoork: Philosophical Library, 1979.
- CARMI, Shai *et al.* Sequencing an Ashkenazi reference panel supports population-targeted personal genomics and illuminates Jewish and European origins. *Nature Communication*, 2014. Disponível em: [www.nature.com/naturecommunications](http://www.nature.com/naturecommunications). Acesso em: 02 jan. 2020.
- CRUZ, Josilene Silva da. *Práticas educativas dos ritos de iniciação: um estudo comparado nas religiões monoteístas*. Dissertação. (Mestrado em Ciências das Religiões) – UFPB – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2016.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das Religiões*. [Com colaboração de H. S. Wiesner]. 2. ed. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ENSINAMENTOS DA TORÁ. Notas de Kent Dobson. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- FERREIRA, Carlos Roberto Bueno. Cabala: misticismo, religião ou filosofia. *Scintilla*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 89-106, jul./dez. 2018.
- FILORAMO, Giovanni. *Monoteísmos e dualismos: as religiões de salvação*. Tradução: Camila Kintzel. São Paulo: Hedra, 2005.
- FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. 17. ed. Tradução: Walter O. Schlupp; Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016.
- FRANKL, Viktor Emil. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Tradução: Ivo Studart. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução: Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Sinodal: São Leopoldo; Vozes: Petrópolis, 2010a.
- FRANKL, Viktor Emil. *Llegará un día en que serás libre: cartas, textos y discursos inéditos*. Tradução: María Luisa Vea Soriano. Barcelona: Herder, 2018.
- FRANKL, Viktor Emil. *O que não está escrito nos meus livros: memórias*. Tradução: Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010b.
- FRANKL, Viktor Emil. *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Tradutores: Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019.
- FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e sentido da vida*. Tradução: Alípio Maia Castro. São Paulo: Quadrantes, 1989.
- FRANKL, Viktor Emil. *Sincronización en Birkenwald*. Tradução: Claudio García Pintos. Buenos Aires: San Pablo, 2006.

- FRANKL, Viktor Emil; LAPIDE, Pinchas. *A busca de Deus e questionamento sobre o sentido*. Tradução: Márcia Neumann. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GOTTFRIED, Adrián. Perspectiva judaica de saúde e enfermidade: healing e espiritualidade. In: BLOISE, Paulo (org.). *Saúde integral*. São Paulo: Editora SENAC, 2011. p. 345-365.
- HELLER, Reginaldo. Cabala: transgressão ou heresia? *WebMosaica, Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 3, n. 2, p. 58-70, (jul-dez), 2011.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HERTZ, Bela Rebeca. *A herança judaica na vida e obra de Viktor Emil Frankl*. Curitiba: Juruá, 2011.
- LUKAS, Elisabeth. *Histórias que curam porque dão sentido à vida*. Tradução: Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus, 2005.
- SITE. [http://www.chabad.org.br/datas/outras\\_datas/a\\_historia/parte02.html](http://www.chabad.org.br/datas/outras_datas/a_historia/parte02.html)
- SITE. <http://www.morasha.com.br/misticismo/o-nascimento-do-movimento-chassidico.html>
- TORÁ – A LEI DE MOISÉS. Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov. São Paulo: Editora Sêfer LTDA, 2001.
- WEINER, Herbert. *9 ½ Mystics the Kabbala today*. New York, NY: Touchstone, 1992.
- XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. *Viktor E. Frankl entre nós: a história da Logoterapia no Brasil e integração pioneira da Logoterapia na América Latina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.